

DIÁLOGO MELIANO

[416 a.C.]

No Verão seguinte, Alcibíades fez-se ao mar com vinte navios, rumo a Argos, e aprisionou as cerca de trezentas personalidades suspeitas de pertencerem à facção espartana que ainda ali se encontravam, as quais foram imediatamente internadas nas ilhas vizinhas pertencentes ao seu império. Os Atenenses fizeram, também, uma expedição contra a ilha de Melos, com trinta navios próprios, seis quios e dois lésbios, mil e seiscentos hoplitas, trezentos arqueiros e vinte arqueiros a cavalo, todos atenienses, e cerca de mil e quinhentos hoplitas dos aliados e dos ilhéus. Os Mélios constituem uma colónia de Esparta que não se submeteu a Atenas, como os demais ilhéus, e que, inicialmente, permanecera neutral, não tomando qualquer parte no conflito. Mais tarde, porém, depois dos Atenenses terem usado da violência e de terem pilhado o seu território, assumira uma postura de aberta hostilidade. Cleomedes, filho de Licomedes, e Tísias, filho de Tisímaco, os estrategas, depois de assentarem arraiais no seu território com as forças atrás citadas, antes de desencadearem qualquer acção hostil enviaram emissários aos locais, propondo negociações. Os Mélios não trouxeram esses emissários perante o povo, fazendo-os apresentar o objectivo da sua missão aos magistrados e aos principais dirigentes políticos. Nestas condições, os emissários atenienses falaram do modo seguinte:

Atenienses – Uma vez que as negociações não decorrerão perante o povo, de modo a não nos ser permitido falar abertamente, sem interrupção, e, assim, enganar os ouvidos da multidão através de argumentos sedutores, que passariam sem refutação (porque sabemos que é esse o vosso objectivo ao nos trazerdes perante um pequeno grupo de personalidades), que diríeis se vós, que vos sentais desse lado, utilizásseis um método ainda mais cauteloso? Em vez de fazerdes um discurso seguido, interrompei-nos de cada vez que estiverdes em desacordo com o que dizemos e discutamos esse ponto antes de irmos mais adiante. Antes de mais, dissei-nos se esta proposta vos parece aceitável.

Os comissários mélios responderam:

Mélios – Quanto à equidade de calmamente nos esclarecermos mutuamente, conforme propondes, nada há a objectar. Mas os vossos preparativos militares estão demasiado avançados para concordarmos com o que dizeis, porque vemos que viestes para servir de juízes na vossa própria causa. Assim, tudo quanto podemos razoavelmente esperar desta negociação é: a guerra, no caso de provarmos ter a razão do nosso lado e de recusarmos submeter-nos; e, em caso contrário, a escravidão.

Atenienses – Se vos reunistes aqui para debater pressentimentos quanto ao futuro ou para qualquer outra finalidade que não seja conferenciar sobre a segurança do vosso estado, de acordo com os factos que tendes diante de vós, então desistimos. De outro modo, estamos dispostos a prosseguir.

Mélios – É natural e desculpável, para homens na nossa posição, recorrer a todo o tipo de argumentos, tanto em pensamento como através da palavra. Todavia, o tema desta conferência é, como dizeis, a segurança do nosso estado. Por isso, a discussão pode prosseguir na modalidade por vós proposta.

Atenienses – Pela nossa parte, não vos incomodaremos com nenhum tipo de falsos pretextos – seja que temos o direito ao nosso império por termos vencido os Medas ou que vos atacamos por

causa dos danos que nos causastes – ou com um longo discurso em que não acreditaríeis. Em contrapartida, esperamos de vós que, em vez de tentardes influenciar-nos, dizendo que não haveis aderido aos Espartanos, embora sendo sua colónia, ou que nenhum mal nos fizestes, vos preocupeis com o que é exequível, tendo em consideração os verdadeiros sentimentos de ambas as partes, uma vez que sabeis, tão bem como nós, que o direito, nos tempos que correm, é apenas uma questão aplicável aos que se igualam em poderio, enquanto que o forte faz o que quer e o fraco sofre o que deve.

Mélios – Na nossa opinião, de qualquer modo, é manifestamente conveniente – falamos nos termos a que somos obrigados, uma vez que nos sugeristes que não considerássemos o direito e falássemos tão-só de interesses – que não destruais aquilo que constitui a nossa protecção comum, isto é, o privilégio de, em situação de perigo, nos ser consentido invocar o que é justo e correcto, e mesmo de lançar mão de argumentos de validade discutível, desde que sejam geralmente aceites como verdadeiros. E olhai que estais tão interessados nisso quanto nós próprios, uma vez que um vosso eventual revés seria o sinal de partida para uma enorme vingança e um exemplo sobre o qual todo o mundo teria de meditar.

Atenienses – O fim do nosso império, se tiver que acontecer, não nos atemoriza. Um império rival, como o espartano, mesmo que Esparta fosse o nosso verdadeiro antagonista, não é tão terrível para os vencidos como os súbditos que, por sua iniciativa, atacam e subjagam os seus governantes. Mas é, todavia, um risco que de bom grado aceitamos correr. Prosseguiremos, agora, para vos mostrar que aqui viemos por interesse do nosso império e que diremos o que seguidamente iremos dizer para a salvaguarda do vosso país, assim como gostaríamos de exercer esse império sobre vós sem conflitos e de vos vermos protegidos, para o bem de ambos.

Mélios – E como pode, dissei, numa tal circunstância, ser assim tão bom para nós servir como é para vós exercer o poder?

Atenienses – Porque teríeis a vantagem de vos submeterdes antes de sofrerdes o pior, enquanto nós só ganharíamos por não termos de vos destruir.

Mélios – Quer isso dizer que não consentiríeis que fôssemos neutrais, amigos em vez de inimigos, mas não sendo aliados de nenhum dos lados.

Atenienses – Não, porque a vossa hostilidade não pode causar-nos tanto prejuízo como resultaria de a vossa amizade ser vista pelos nossos súbditos como prova da nossa debilidade, enquanto que, pelo contrário, a vossa inimizade reflecte o nosso poder.

Mélios – É essa a ideia de justiça dos vossos súbditos, pondo aqueles que nada têm a ver convosco no mesmo plano dos povos que são, na sua maior parte, colónias vossas e alguns rebeldes subjugados?

Atenienses – No que concerne a essas questões dos direitos, pensam que não há diferenças entre as duas situações, e que, se alguém mantém a sua independência, é porque é forte. Portanto, se nós os não molestamos, é porque temos medo, pelo que, além de alargarmos o nosso império, devemos aumentar a nossa segurança através da vossa sujeição. O facto de serdes ilhéus e mais fracos do que outros torna ainda mais importante que não consigais frustrar os senhores dos mares.

Mélios – Mas considerais que não existe segurança na política que indicámos? Porque também neste caso, se nos impedis de falar de justiça, convidando-nos a obedecer ao vosso interesse,

também nós devemos explicar os nossos, procurando persuadir-vos, para o caso de ambos coincidirem. Como podeis evitar fazer de todos os estados actualmente neutrais vossos inimigos, quando, olhando para este caso, se convencerem de que, mais cedo ou mais tarde os ireis atacar? E o que é essa atitude senão uma forma de engrossar os inimigos que já tendes e de forçar outros, que doutra forma nunca em tal pensariam, a tornar-se vossos inimigos?

Atenienses – Porque o facto é que os continentais não nos preocupam grandemente. A liberdade de que gozam impedi-los-á, por bastante tempo, de tomarem medidas contra nós. São muito mais os ilhéus como vós, no exterior do nosso império, e os súbditos que já sofrem a opressão que mais provavelmente poderão dar um passo irreflectido que os leve, e a nós próprios, a correr perigos óbvios.

Mélios – Sendo assim, se correis tantos riscos para conservar o vosso império e os vossos súbditos para se verem livres dele, seria grande ignomínia e cobardia da nossa parte, que ainda somos livres, não tentarmos tudo quanto possamos fazer, antes de nos submetermos ao vosso jugo.

Atenienses – Não, se fordes bem avisados, porque não se trata de uma luta de igual para igual, com a honra como prémio e a vergonha como castigo, mas duma questão de autopreservação e de não resistir àqueles que são muito mais fortes do que vós.

Mélios – Mas nós sabemos que a fortuna da guerra é, por vezes, mais imparcial do que a desproporção dos números pode sugerir. Aceitar a submissão é entregarmo-nos ao desespero, enquanto que a acção ainda nos dá a esperança de podermos permanecer erguidos.

Atenienses – A esperança, estimulada pelo perigo, pode ser cultivada por aqueles que dispõem de abundantes recursos, se não sem perdas, de qualquer modo sem ruína. Mas a sua natureza é ser esbanjadora, pelo que aqueles que vão ao ponto de apostar tudo o que têm num golpe de fortuna só a vêem nas suas verdadeiras cores quando se apanham arruinados. Mas enquanto essa descoberta poderia habilitá-los a tomar precauções, nunca a consideram adequada. Não permitais que seja esse o vosso caso, porque sois fracos e não tendes mais do que uma hipótese de errar. E não sejais como a gente vulgar, que, perdendo a oportunidade de se salvar de uma forma humana e prática quando as esperanças visíveis lhes falham completamente, se voltam para as invisíveis, para as profecias, os oráculos e outras invenções do mesmo género, que iludem os homens com esperanças que os conduzem à desgraça.

Mélios – Podeis estar certos de que estamos tão conscientes como vós das dificuldades de enfrentar o vosso poder e a vossa fortuna, a menos que seja em situação de igualdade. Mas confiamos que os deuses nos possam conceder uma fortuna tão favorável como a vossa, uma vez que somos apenas homens lutando contra a injustiça e que o que nos falta em poderio será obtido através da aliança dos Espartanos, os quais são obrigados, quanto mais não seja por uma questão de decoro, a vir em auxílio dos que são do mesmo sangue. A nossa confiança, por conseguinte, não é assim tão completamente irracional.

Atenienses – Quando falais dos favores dos deuses, podemos de igual modo esperar o mesmo para nós próprios. Nem as nossas pretensões nem a nossa conduta são, de nenhuma maneira, contrárias às crenças dos homens no tocante aos deuses ou que praticam entre eles próprios. Dos deuses acreditamos e dos homens sabemos que, por uma inelutável lei da sua natureza, tendem a exercer o domínio de outros sempre que tal lhes é possível. E não se trata de termos sido nós os primeiros a fazer essa lei, porque é muito anterior a nós e existirá para sempre muito depois de nós. Não fazemos mais do que usá-la, sabendo que vós e todos os demais, se dispusessem de um poder igual ao nosso, fariam exactamente o mesmo que nós. Assim, no que respeita aos deuses,

não temos receio nem razões para temer que estejamos em situação de desvantagem. Mas quanto à ideia que tendes acerca dos Espartanos, a qual vos leva a crer que o decoro os levará a vir em vosso auxílio, aí bendizemos a vossa simplicidade mas não invejamos a vossa loucura. Os Espartanos, quando os seus interesses ou as leis do seu país estão em causa, são os homens mais dignos à face da terra. Quanto à sua conduta para com os outros, muito poderia ser dito, mas, sobre essa questão, não é possível dar uma ideia mais clara do que, resumidamente, afirmar que, de todos os homens que conhecemos, são os mais notáveis a considerar o que é agradavelmente honroso e o que é oportunamente justo. Uma tal forma de pensar não é muito prometedora para a concessão de segurança com que, sem nenhuma razoabilidade, estais a contar.

Mélios – Mas é justamente por essa razão que agora acreditamos que o respeito que têm pela defesa dos seus interesses os impeça de trair os Mélios, seus colonos, do que resultaria perderem a confiança dos seus amigos da Grécia e prestarem uma ajuda aos seus inimigos.

Atenienses – Isso quer dizer que não partilhais a opinião de que a conveniência anda de mão dada com a segurança, enquanto que a justiça e a honra não podem ser respeitadas sem os inerentes riscos. Ora, riscos é coisa que os Espartanos buscam o menos possível.

Mélios – Mas nós acreditamos que eles estariam muito mais dispostos a arriscar por nossa causa e com muito mais confiança do que noutros casos, uma vez que a nossa proximidade do Peloponeso lhes facilitaria uma intervenção e o sangue comum lhes garante a nossa fidelidade.

Atenienses – Sim, mas aquilo em que um possível aliado mais confia não é na boa vontade daquele que pede ajuda, mas sim numa decisiva superioridade de meios para intervir. E os Espartanos são ainda mais sensíveis a este factor do que outros. Pelo menos, tal é a falta de confiança que têm nos seus recursos próprios que só na companhia de numerosos aliados se atrevem a atacar um vizinho. Achais que, tendo nós o domínio do mar, eles vão arriscar-se na travessia que é indispensável fazer para chegar a uma ilha?

Mélios – Mas têm outros que podem enviar. O Mar de Creta é um largo espaço onde quem detém o seu domínio sente mais dificuldades em interceptar outros navios do que os que pretendem iludi-los sentem em fazê-lo com segurança. E mesmo que sucedesse que os Espartanos falhassem neste desiderato, sempre poderiam cair sobre o vosso território e sobre os dos vossos aliados onde Brásidas não chegou a entrar, pelo que, em vez de lugares que não são vossos, seríeis forçados a combater para defesa do vosso próprio território e da vossa própria confederação.

Atenienses – Uma finta do género da que falais pode, na verdade, acontecer um dia, mas isso servirá apenas para aprenderem, como sucedeu com outros, que os Atenenses nunca, até agora, se eximiram à possibilidade de um cerco por medo de quem quer que fosse. Mas estamos algo chocados pelo facto de, depois de terdes dito que negociaríeis sobre a segurança do vosso país, em toda esta discussão nada haveis mencionado em que os homens possam confiar ou por quem possam pensar ser salvos. Os vossos argumentos mais fortes estão dependentes da esperança e do futuro. Quanto aos recursos reais de que dispondes, são demasiado escassos, quando comparados com aqueles que se reuniram contra vós, para poderdes aspirar à vitória. Consequentemente, mostrareis grande cegueira no vosso julgamento, a menos que, depois de nos retirarmos, consigais obter uma deliberação mais prudente do que esta. Seguramente que não quereis ser apanhados por essa ideia de desonra que, em perigos inaceitáveis, e, ao mesmo tempo, demasiado evidentes para consentir o erro, prova ser tão fatal para a natureza humana. É que, em demasiados casos, os mesmos homens que têm os olhos perfeitamente abertos relativamente àquilo que os espera, deixam que essa palavra desonra, pela mera influência de uma designação sedutora, os conduza a um ponto em que ficam de tal modo escravos da

expressão, que acabam por, de facto, cair obstinadamente num desesperante desastre, terminando por merecer a desonra mais ignominiosamente, porque resultante de um erro, do que quando aconteceria se fosse como resultado de má fortuna. Quanto a esta possibilidade, se fordes bem avisados, tomareis todas as precauções. E não penseis que possa ser desonroso o submeterdes-vos à maior cidade da Grécia quando ela vos faz a generosa oferta de vos tornardes seus aliados tributários, sem deixardes, por isso, de desfrutar do país que vos pertence. Nem tão-pouco, quando tendes a possibilidade de escolher entre guerra e segurança, podeis ser tão cegos ao ponto de escolher a pior hipótese. E é certo que aqueles que não se rendem aos seus iguais, que capitulam perante os mais fortes e são moderados perante os mais fracos, de um modo geral são mais bem sucedidos. Pensai bem neste assunto, portanto, depois da nossa partida. Reflecti, uma vez e outra, que é pelo vosso país que estais a deliberar, que não tendes a possibilidade de tomar mais do que uma decisão e que da mesma depende a sua prosperidade ou a sua ruína.

Seguidamente, os Atenienses retiraram-se da conferência. Os Mélios, ficando a sós, tomaram a decisão de acordo com o que tinham mantido durante a discussão, elaborando a seguinte resposta: “A nossa resolução, Atenienses, é a mesma que inicialmente vos apresentámos. Não estamos dispostos a privarmo-nos, por uma decisão de um momento, da liberdade que, desde a sua fundação há setecentos anos, esta cidade tem gozado. Preferimos depositar as nossas esperanças na fortuna com que os deuses a têm preservado até agora e na ajuda dos homens, isto é, dos Espartanos. É deste modo que tentaremos alcançar a nossa salvação. Entretanto, convidamo-vos a que nos deixeis ser vossos amigos e inimigos de ninguém e a que retireis do nosso país depois de fazermos esse tratado de modo satisfatório para ambas as partes.”

Assim foi a resposta dos Mélios. Os Atenienses, ao partirem da conferência, disseram: “Bem, parece-nos, pelo teor desta resolução, que só vós olhais para o futuro como sendo mais certo do que é permitido por aquilo que tendes diante dos olhos, e, no vosso fervor, o que está longe das vistas como se já estivesse prestes a concretizar-se. Como arricastes e confiastes mais a vossa fortuna e as vossas esperanças aos Espartanos, acabareis completamente desapontados.”

Tradução de David Martelo da obra

